O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

ANO 34.º — Sábado, 19 de Julho de 1941 — **N.º 1690**

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Viagem Presidencial aos Açores

Em nome das populações dos Açores, os Governadores Civis dos Distritos Autónomos daquele Arquipélago convidaram o Sr. Presidente da República a visitá lo. O Sr. Presidente da República aceitou o convite, e a sua partida está marcada para o dia 23 do corrente mês.

Já vinha de longe o desejo das populações dos Açores, de que as visitas se, um dia, o venerando Chefe do Estado; e no 1.º Congresso Açoreano, que houve em Lisboa, em 1938, lá ficou devidamente expresso por meio dum voto unânime dos congressistas.

Podemos dizer que esta viagem é a quarta que faz o Chefe do Estado, como afirmação de soberania imperial. A primeira ainda nos lembramos que foi em 1938 e de visita às ilhas de S. Tomé e Príncipe e à província de Angola. Lembramo-nos também daquela sugestão dos portugueses de Angola, os quais queríam, com razão, que se chamasse a Lisboa capital do Império.

A segunda viagem presidencial foi às ilhas de Cabo Verde e a Moçambique, em 1939. Em 1940, o ano dos Centenários, foi a terceira, que levou o Sr. General Carmona até Guimarães, berço da Nacionalidade, e onde começaram as maiores festas de Portugal.

Vem agora a quarta, neste ano em que celebram os Açores o terceiro centenário da Restauração; e, pôsto que haja uma guerra, não impede ela que o venerando Chefe do Estado corresponda ao desejo daqueles portugueses, que o são entre os melhores e de mais fina têmpera. E assim como não impede a guerra que o Sr. General Carmona aceite de tão bom grado o sacrifício da viagem, penosa para a sua idade, assim em nós a guerra nos não esfria a fé nos destinos eternos da Pátria, nem a confiança que nos Chefes depositamos, em perfeita solidariedade com eles.

Dissemos acima, que são dos melhores e de mais fina têmpera os portugueses açoreanos—portugueses pela língua, que é a nossa, e que falam exclusivamente entre êles, onde em pátria alheia constituem núcleos de emigrantes; e pela cultura e civilização, que também são as nossas. E, por isso, e pela posição geográfica, e pela flora, e pelo clima são distintamente europeus, e não o que se lhes queira chamar por fantasia.

Estamos certos de que os açoreanos, desejosos há muito de receber o Chefe do Estado, o acolherão com o mesmo patriotismo e o mesmo entusiásmo dos portugueses de Luanda e Lourenço Marques. Temos lido notícias do alvorôço que já por entre êles vai, desde que souberam haver aceitado o convite o Sr. General Carmona. A' porfia, pois, que de ilha para ilha diferem os açoreanos, em costumes e modo de vida, todos se preparam para o grande dia da visita do Chefe do Estado, por certo o maior dia daquelas populações.

Se todas as viagens presidenciais são de soberania, também são o abraço da solidariedade que a todos os portugueses estreita. Acompanhemos, portanto, o Sr. General Carmona com o nosso coração, para que, indo com o do venerando português, lá o sintam os açoreanos, naquele abraço de solidariedade. Somos uma unidade indestrutível, em qualquer parte do Império, como nêle todo—mas só pela consciência de o sermos é que é uma fôrça essa unidade.

A. da F.

Equilibrio financeiro

O relatório das Contas Públicas do ano de 1940 e agora publicado, acusa 2.598.000 contos de receita e 2.424.000 contos de despeza, havendo, portanto, um saldo positivo de 174.000 contos.

Continua, portanto, afinada a grande máquina das Finanças em Portugal.

O «Santa Princesa»

Ei-lo de volta da pesca do bacalhau com 15 mil quintais do saboroso peixe. Pertence à Empreza de Pesca de Aveiro, mas foi descarregar ao Pôrto, como de costume, por a nossa barra não lhe dar entrada.

E' o primeiro arrastão que chega. Assim os outros barcos o emitem na carga.

Valha-nos Deus...

A Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, não tendo, ao que parece, outros assuntos de mais interesse a preocupá-la, trata das batas e dos emblemas, de que já aqui nos ocupámos, como se isso fôsse de primeira necessidade na hora difícil que a classe atravessa.

Mas foram sempre assim os dirigentes, mesmo no tempo das cataplasmas...

A crise da Farmácia é grande, é espantosa. Pois então comprem os farmacêuticos a bata, que não deve custar pouco dinheiro, coloquem-lhe do lado esquerdo o emblema, fornecido pelo Sindicato ao preço de 15$00, e verão como ficam mais catitas para atraír... a clientela.

Depois só falta vir o Grémio recomendar-lhes uma untura com pomada Barbosa...

Alexandre Gigante

Esteve esta semana cá o presadíssimo amigo que possuimos em Viana do Castelo e que sobre ser um fotógrafo distinto, reune ainda predicados que o tornam estimado naquela e na nossa terra.

Retirou ontem, sendo portador dum abraço para todos os colegas da Imprensa, a que anda ligado.

BAILE

No antigo salão do *S. C. Beira-Mar* realiza-se hoje à noite um baile de tricanas, abrilhantado por *Os Melros*, do Troviscal.

Agradecemos o convite.

HOMENS DO MAR

—o—

Admiráveis, vivas e emocionantes as narrativas trágico-marítimas, que o *Diário da Manhã* tem publicado e que são a fotografia sentida e realista da vida áspera, dura e heróica do pescador português nas paragens longinquas da Terra Nova e da Groenlândia.

O bacalhau! O magnífico, o saboroso, o *fiel amigo*—quantos sacrifícios, quantos perigos, quantos sofrimentos, quantas tragédias e quantas dedicações não provoca aos valentes e destemidos homens do mar na faina arriscada e aventurosa da sua pesca!

Não podem, nem devem ficar esquecidas, sem um leve comentário apenas, essas crónicas gritantes e dinamicas, onde se sentem todos os arrepios do drama marítimo, no meio de fragorosas tempestades, com o mar em revolta e em cachão, com a brisa em golpes traiçoeiros, com o nevoeiro asfixiando cada vez mais o horizonte, perto da perfidia dos gelos, no seio das águas e dos ceus, tendo unicamente por testemunhas a consciência e Deus.

Imaginem a tragédia de um pescador perdido com o seu frágil *dory* a contas com a procéla das vagas!

Elas, se traduzem a tempera, a sensibilidade, a vontade rija e indomável, em síntese, a alma forte do pescador de Portugal, também exprimem em tôda a sua realidade e personalidade do homem do mar de Aveiro, dos seus concelhos e povoações do litoral, originais, tipicos, com a sua gravura própria.

Ao lê-las e ao refleti-las, lembramonos logo de Aveiro marítimo, dos brancos areais das Gafanhas e das paisagens ribeirinhas de Ilhavo, onde são nascidos e creados, na obscuridade, na indiferença e quem sabe até se no desprezo, êsses simples e ignorados herois, que perante as adversidades e crueldades do mar, afirmam na carne do corpo e na carne da alma, as grandes virtudes da resistência, da coragem moral, da afronta ao perigo, do destemôr, da intrepidez, do sacrifício de si próprio e da dedicação ilimitada pelo seu semelhante.

Virtudes bem portuguesas e altamente afirmadoras do valor da raça.

A-pesar-de sofrerem amargamente as chicotadas espumantes do mar, amam-no enternecidamente.

E a devoção que consagram ao seu barco, ao seu navio, ao seu lar marítimo, que defendem ardorosamente, com entranhas de mãe, é indiscritível, é quási inacreditável! Como titans afrontam as tempestades; como crianças choram as desgraças acontecidas aos seus barcos.

A catástrofe do *Silvina*, que se consumiu e afundou em chamas, arrancou pela rádio ao capitão Cachin, seu dedicadíssimo comandante, as seguintes palavras, *S. O. S.* desesperado, opressor e impressionante:

—O *Silvina* está perdido, perdido... O meu rico navio. Não posso fazer nada. Mandei já saltar os homens para os botes. O fogo está a chegar ao convés, atinge o mastro do tranquête. O meu rico navio. Todo a arder... perdido.

Não há como o perigo para solidarizar os homens, para os unir como irmãos.

As invejas, as vaidades, os ódios, as intrigas e as calúnias cessam, desaparecem. Ficam, em seu lugar, o coração, o amor, o sentimento, a juntá-los, a animá-los, a encorajá-los.

O perigo torna-os fundamentalmente religiosos. A sua bravura, o seu heroismo, tôda a sua vida são tocados de fé, de esperança, de misticismo e da crença inabalável em Deus.

Só assim se compreende, que tendo tantas queixas do mar, para ele se dedicam tôda a vida, até à morte.

J. Carreira

Aquela imundície...

Entra mês e sai mês e as valêtas da Rua de Ilhavo, à entrada da cidade, a escorrer sugo que, exalando um cheiro pestilento, impressiona mal quem nos visita.

O que ali se passa é intolerável, impondo-se a intervenção das autoridades sanitárias.

DEFINIÇÃO DO "HUMOR„

O sentido do *humor* para os ingleses não é exactamente o simples gôsto pelas coisas e dizeres espirituosos ou graciosos. O *humor* é, para êles, uma maneira de ver homens e acontecimentos, de compreender a vida, uma forma de carácter que lhe é próprio e que consideram como a qualidade n.º 1 do *gentleman*. Nunca abandonar o sangue-frio, aceitar com impassibilidade os mais inesperados golpes da sorte, considerar que fazer escândalo é rídiculo—eis o que cada inglês chama ter o sentido do *humor*, e tem o orgulho de o professar. Os ingleses são os maiores jogadores do mundo. Jogam sempre, sôbre tudo. Mas sabem perder, sorrindo. Sentido do *humor*. E', em suma, uma atitude perante a vida, que consiste em trocarem intimamente da própria emoção, do próprio sentimento, no momento em que teriam o desejo de exteriosá-lo. E' um pouco com isto que se faz um grande povo também.

(Britanova)

Carta para o outro Mundo

Maria:

Vai fazer um ano na próxima quarta feira que partiste, que me deixaste e aos filhos. Há um ano, portanto, que dura a separação, que estamos privados da tua companhia, dos teus carinhos, da tua amizade. Há um ano, que, afastada de nós—mas não esquecida—abriste nesta casa um enorme vacuo, difícil de preencher, de tal maneira nos habituámos a ver em ti—nas qualidades que possuias e que eram o espelho da tua bondade, do teu coração diamantino, dos teus encantos naturais—a alegria do nosso lar onde espalhavas permanentemente, em reverberos de luz, a alacridade do teu espirito, os fulgores da tua inteligência, a beleza aliciante dos teus sorrisos. Porque, na verdade, Maria, tu reunias tantos predicados, tinhas por nós tanta afeição, que ainda considero poucas as muitas lágrimas de saüdade choradas por ti. De saüdade, Maria, que significa, nêste caso, sentimento, mágua, dôr. Sentimento, porque desapareceu do nosso convívio um bem, sem igual, a que andávamos todos ligados; mágua, porque não te tornaremos a vêr junto de nós nas horas felizes ou de desdita; dôr, pela tristeza a que nos obriga a eterna ausência do teu amor.

Maria:

Quando peguei na caneta para escrever esta carta, as minhas tenções eram outras; uma forte comoção, porém, fez-me transviar de tal modo as ideias, baralhando-as, que apenas saíram palavras singelas, descoloridas, quási sem sentido—modestas como tu. Aceita-as assim mesmo. Porque o que lhes falta em compustura literária, cresce na sinceridade com que procurei ajustá las à grandeza da tua personalidade de Mulher—como filha estremosa, esposa dedicada e mãi das que melhor souberam desempenhar êsse papel nobilitante até à hora da morte. E isso deve ser motivo para as receberes benevolamente, já que a mais não chegam os meus recursos nem as fôrças de que disponho ao recordar o momento angustioso da nossa cruciante despedida.

18-7-941 — *A. R.*

MISSA DE SUFRÁGIO

Para comemorar o primeiro aniversário do falecimento da esposa do director dêste jornal, manda sua filha, Maria Helena, celebrar uma missa em 23 do corrente, pelas 9 horas da manhã, na igreja de S. Domingos, convidando, por êste meio, as pessoas das suas relações e amizade, a assistirem ao piedoso acto.

Antecipadamente agradece.

Portugal e a França

Um jornalista francês que viveu durante anos em Portugal e que formou o seu espírito ao calor das doutrinas corporativas e sociais do Estado Novo, Alfred Lefort, fêz agora, em Vichy, uma série de conferências ácêrca de Portugal contemporâneo. Presidiu o General Jouart, prestigiosa figura de soldado, e essas conferências—segundo um telegrama da O. F. I.—constituïram grandes acontecimentos espirituais.

Não admira. O Estado Novo português é uma das grandes realidades do tempo presente. No exemplo do nosso país e na sua lição, podem os outros povos encontrar ensinamento. A França moderna não se cansa de repeti-lo com lisongeira freqüência.

Club dos Galitos

Para a Biblioteca, em organização, dêste popular e prestimoso Club foram, há pouco, oferecidas algumas dezenas de livros pelos srs. dr. Abel Salazar, Martins Oliveira, Fernando Machado, Domingos Barreira e pelas casas da especialidade Livraria Lelo, Livraria Académica, Livraria Progredior e ainda pelo Instituto de Vinhos do Pôrto, ofertas estas que se devem à intervenção do sócio, sr. Manuel Ferreira Lavrador.

Confraternização de jornalistas

Lê-se no penúltimo número de *A Aurora do Lima*, nosso estimado confrade de Viana do Castelo:

A visita dos nossos distintos camaradas de Aveiro está fixada para o dia 27 do corrente mês.

Os jornalistas aveirenses, de uma delicadeza extrema e de uma fidalguia sem limites, quando à sua terra vamos atraídos pelo seu generoso convite, cumulam-nos de atenções, que nós não podemos retribuir.

No dia 27 vêm a Viana aqueles nossos colegas da hospitaleira cidade do Vouga. Os seus camaradas vianenses, embora não os possam receber com a mesma galhardia, farão o possível para lhes manifestar o seu sentimento de afectuosa e recíproca solidariedade.

Paladinos da boa camaradagem—camaradagem que os anos não diminuirá e que há-de continuar a manter-se enquanto na nossa terra existir imprensa, os jornalistas vianenses receberão os seus amigos e companheiros desta luta acérrima de todos os dias, com a sua proverbial gentileza, embora a recepção seja modesta e humilde, se a compararmos com a que lhe é feita em Aveiro.

Escusado será dizer que não é tanto como diz a nossa querida *Aurora*. Aqui há exagero. Uma grande dose de amabilidade, que nos confunde, tornando-nos cada vez mais reconhecidos às gentilezas dos nossos amigos.

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1941

Minha querida:

Ainda te não falei da maior batalha da História, que se trava nas imensas planícies russas, entre alemãis e bolchevistas.

Para nós, portugueses, que desde 19 5 estamos em luta com o comunismo, esta nova fase da guerra é a mais palpitante. Antes dela se iniciar, a guerra era apenas um monstro devastador, que tinha como fim e propósito levar à ruína e à miséria um dos grandes países que se batem: ou a Inglaterra, ou a Alemanha. E porque achamos que ambos têm direito à vida, pois ambas as nações são grandes de ideais e de patriotismo, estamos neutros perante êsse conflito e lamentamo lo profundamente.

Mas desde que a Rússia vermelha entrou na guerra também, nós, que, dentro do possível, a combatemos quando ensangüentou e massacrou a Espanha, estamos de novo contra ela. Esse país, cheio de obscuridade, que semeia em tôda a parte as suas idéas revolucionárias e avançadas, que ocasionam greves, misérias e prisões, que corrompem e pervertem, é um perigo para o mundo civilizado.

Se ela vencesse, o que seria da Europa? Ver-se-ia invadida por uma orla de bárbaros, que não conhece religião nem família e que apenas tem para se impôr a violência e a mentira. E' ver o que os russos fizeram ao seu Czar e aos nobres, quando da revolução soviética... Quando êles puderam ser tão crueis e tão selvagens para os seus compatriotas, o que serão para os vencidos estrangeiros? E agora mesmo, quantas vezes êles são obedecidos, só com mêdo do chicote e das ameaças?... Dêsses emigrados russos, que não mais puderam voltar à pátria, quantos combaterão com a Alemanha, cheios de fé e de esperança no ressurgimento do seu país? Quantos, mesmo na própria Rússia, não verão nos alemãis os seus libertadores? Aquele ambiente, donde nada consta, deve ser um inferno e um cativeiro...

Chegou o momento de combater a Rússia vermelha, de ferir de morte as suas idéas, cheias de falsidade e de mentira. Que o inimigo n.º 1 seja vencido, aniquilado para sempre e sobre as ruínas da Rússia de Estaline, um novo país surja.

Um abraço da

Zèmi

REFUGIOS DO ESPIRITO

Romance de um fio de água

pelo dr. Alberto Souto

Num esconso da gândara, na fímbria da floresta, sangrando da ribança, encontrei um fio de água.

Vem de perto, sumido, tímido, delgado, rolando bichoirinhos leves como missangas, palhetas luzentes de mica, restos de folhas mortas, enchendo de viço e frescura as hervas que lhe bordam o rigueiro, trazendo na ténue veia da sua carreira breve os rumores, em surdina, dos velhos pinheiros sobranceiros ao valado que o vê passar e o eco dos balidos dos cordeiros que por ali pastam.

Fio de água tão humilde e pequenino, nem inveja mete ao lavrador cubiçoso nas horas ardentes das regas do estio. Se ele desse açude ou corrente, se enchesse uma represa, se movesse um moinho ou regasse uma vessada, olha lá não o abandonasse o lavrador!

E contudo as aves—reparem como a êle se chegam!

São bandos de pintasilgos e tentilhões sem conta que nele vão beber nas tardes adustas em que os cardais flamejam.

A enxada que o pretendesse aproveitar, guiando-o para o lameiro, perdê-lo-ia em meia dúzia de golpes.

Para saciar três pés de milho, teria de correr um dia inteiro.

Tão pequenino, que os gados passam por êle sequiosos e nem nele reparam.

Tão pequenino que o alcatruz duma nora o levaria todo no correr dum dia.

Não seria maior, se fluisse, o fio da seiva das madresilvas que por cima dele florescem, nem o caudal do suor e das lágrimas das libelinhas que por ali esvoejam.

Filho perdido de alguma fonte morta, ficou sempre tão humilde e miudinho que nenhuma divindade do Olimpo o quiz adotar.

Oferecido a uma Ninfa, esta logo o engeitou, quando foi para banhar a sua cabeleira ondeante, herdada da moda clássica dos tempos mitológicos, e nem uma concha de água das suas mãos mimosas foi capaz de juntar numa longa hora de desejo.

Pobre do minúsculo regato, do rio em miniatura, da nascente infantil!

Nem eu o veria nunca se as aves m'o não mostrassem chilreando e esvoaçando à sua roda!

Ah! As aves!... Os passaritos que fazem ninho nos cômoros e noivam nas balsas, que quebram o silêncio dos êrmos e entremeiam de harmonia o sussurro dos bosques—que interessantes são! Pequeninas, delicadas, leves, tão leves que se elevam no ar como se fossem só penas, como se não tivessem peso nem possuissem corpo, foram descobrir êsse fio de água a gotejar entre musgos, fetos e hervitas!

Quiz conhecer, como elas, todo o encanto daquele fio de água e deitei-me no chão e debrucei-me na relva. Talhei numa cana uma flauta pastoril e depois de tocar, invocando a irmã Agua, encostei o meu ouvido à liliputiana floresta que ele rega e vi-o, então, a-pesar-de humilde e pobresinho, tão satisfeito e venturoso, como se fôsse a alegria dum vergel do longínquo paraizo.

Em breve sabia toda a sua história singela e ele mesmo m'a contou, confessando-me o prazer de matar a sêde aos pássaros canoros, tão mignones e engraçados que as almas das crianças mortas em flôr, ao passarem em revoadas por aqueles pinheirais, de azas brancas, como bandos de alveloas, ali paravam sempre, brincando com eles e fraternizando com as serezinas, as flosas e os pintasilgos, com êles chilreando e bebendo as escassas lágrimas do seu gotejar.

—Sou um ribeirinho dos anjos, que são as almas aladas dos que morrem ao nascer e dos inocentes que a morte colhe ainda em botão na madrugada da vida; sou um arroiculo dos passaritos, das hervas rasteiras, dos musgos que afoufam a terra, das pequeninas raizes, de quanto é inofensivo e humilde como eu. Desprezou-me, um dia, a Ninfa que me foi dada. Chorei de despeito, ia morrendo de dôr. Mas sabes?!... Foi bom; fui assim mais feliz.

Quando vi o seu corpo tão lindo e a sua opulenta trança antiga, ia morrendo de desgosto por a não poder banhar, envolvendo-a tôda na frescura da minha água.

Mas, depois, ela fugiu, fugiu de mim por ser humilde de mais, e eu fiquei só. Matei, porém, as saudades com um bando de almas de criancinhas que aqui poisaram, e dêsse bando desprendeu-se uma que me quiz bem. Era a alma duma pastorita que, com os irmãos, tantas vezes aqui armara aos pássaros quando andava com o gado e que, com as suas mãosinhas sujas, em mim fazia prêsas e açudes.

E a alma imaculada dessa pastorinha infeliz, que nestas encostas tornava as ovelhas cantando e que morreu de fome e de sezões, ficou a habitar no meu seio. E' ela que te fala por mim; sou eu quem te fala por ela. Um dia—sei lá?! Talvez... morreremos ambos à mingua, quando eu, abrasado em sêde, me finar nalgum verão de séca em que o lenhador me leve a sombra dos pinheiros e dos loireiros donde venho.

Morrerei, contudo, sem ter provocado ambições nem demandas, sem ter inundado as sementeiras, sem ter sido envenenado pela cubiça do homem, tendo enchido de alegria as aves e as crianças e a vegetação anã que me debrua o leito. Morreremos ambos? Não. Ela sobreviverá e eu serei feliz, ainda, por agonizar nos seus bracinhos hetereos!...

Chilreantes, grazinas, tagarelas, despreocupados e ladinos, os pintasilgos e os tentilhões, as flosas e as toutinegras, sem mêdo, pareciam um rancho de colegiais à solta...

Quem acode à pequena Imprensa?

O nosso colega *Correio da Feira* julgou vêr no prologo do artigo que há dias transcrevemos do *Jornal de Monsão* uma *bisca* que lhe não jogámos nem podiamos jogar pela razão simples de só termos motivos para o considerar pelas muitas provas dadas de leal camaradagem.

Se há periódicos cuja existência se firma nos subsidios que recebem, isso não é desdouro, entendemos. Claro, quando êsses subsidios são honestos e visam fins de publicidade também honesta. Foi, partindo dêsse princípio, que aludimos ao facto e nunca com qualquer intenção reservada, pelo que nos apraz felicitar o *Correio da Feira* por se poder manter sem outras receitas a não ser as da assinatura e o produto dos anuncios particulares e judiciais.

E' que êstes, como a comarca é grande, são muitos e todos pagos. Mas por cá não sucede o mesmo e de aí subsistirem as dificuldades apontadas.

EXAMES

Entre outras alunas da sr.ª D. Maria Melo e Costa, professora oficial da Glória, que obtiveram distinção na 4.ª classe esta semana, conta-se a menina Dulce Alves Souto, estremosa filha do nosso ilustre colaborador, dr. Alberto Souto, tendo também alcançado a mesma classificação em Sangalhos, o menino Henrique Lopes Moreira Seabra, filho do nosso particular amigo, Henrique Moreira, das Caves do Barrocão.

Principiaram bem, pelo que lhes auguramos novos triunfos académicos no futuro.

O pôrto de Londres

Londres, a maior capital do Universo é também o primeiro pôrto do mundo, que se alonga por quilómetros, desde a foz do Tamisa até à célebre ponte de Londres, em pleno coração da City. Compõe-se êste pôrto de interminável sucessão de bacias bordadas de entrepostos, todos fechados por altas grades e portas de ferro, guardados por *policemen* e ligados entre si por pontes suspensas. O pôrto—como a maior parte das instituïções inglesas, quer seja o Banco de Inglaterra ou a Inteligence Service—é um organismo privado, independente do Estado e da Municipalidade. Uma série de cais construídos com grande luxo de colunas antigas. Quando das guerras napoleónicas, abrigou todas as mercadorias e pavilhões do mundo. Um dos cais mais impressionantes é o *cemitério dos elefantes* onde se acumulam os *dentes* que alimentam o mercado mundial do marfim.

E' êste vastíssimo pôrto, onde iam parar os produtos e riquezas do mundo inteiro, que continua sendo especialmente visado pelos bombardeamentos inimigos.

(Britanova)

IMPRENSA

Defeza da Beira

Apareceu o 1.º número dum semanário regionalista para advogar os interesses de Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão e Tábua, que se apresenta bem redigido e ao qual desejamos vida próspera.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Gabriela Júlia de Melo Rebelo, actualmente em Espinho; amanhã, a sr.ª D. Josefina de Azevedo Carvalho, esposa do sr. José Maria dos Santos Carvalho, residente na capital; no dia 21, a sr.ª D. Celeste Correia Cascais, esposa do sr. Raúl da Silva Cascais; em 22, a sr.ª D. Maria da Encarnação Soares, professora oficial e esposa do sr. Amadeu Rodrigues da Paula, e o nosso amigo Manuel Mano, funcionário dos correios e telégrafos em Lourenço Marques (Africa Oriental); em 23, a sr.ª D. Alice de Brito T. Pinto, residente no Porto, e o nosso distinto colaborador dr. Alberto Souto, director do Museu; em 24, os srs. capitão António Rodrigues Morais e Tércio da Costa Guimarãis, e em 25, as sr.as D. Maria Lucinda Alvim de Matos, professora na escola de Alumieira, e D. Rosa Gamelas Cardoso, esposas, respectivamente, dos srs. tenentes Joaquim de Matos e dr. Vitorino Simões Cardoso, médico de Infantaria 10, actualmente nos Açores.

Praias e termas

Com suas famílias encontram-se a veranear na Costa Nova os srs. Alexandre dos Prazeres Rodrigues, José Mortágua, Tércio Guimarãis. Arnaldo Estrela dos Santos, dr. Humberto Leitão, hábil clínico local, e a esposa e cunhada do sr. António Dionísio, de Vagos.

—Na Curia encontram-se as sr.as D. Maria da Glória de Carvalho e D. Branca Ofélia com seu marido e pai, o nosso velho amigo Henrique Silva.

Doentes

Não tem passado bem de saúde o sr. Antero Simões Pina, funcionário dos correios e telégrafos, aposentado, a quem desejamos completo restabelecimento.

O CENTEIO

Foi recentemente publicado um importante decreto que vem solucionar um problema de certa gravidade, qual era o da dispersão do centeio na desorientação de um mercado que as circunstâncias actuais — umas provenientes de especulações ilícitas, outras naturalmente derivadas das contingências do momento — tendiam a desorientar.

Resolveu, por isso, o Govêrno que o centeio disponível para venda seja comprado e recolhido pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, que fará a sua distribuïção às emprezas de moagem, fixando-se preços que permitam uma cultura compensadora.

Jogos Florais da Figueira da Foz

A Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz resolveu realizar anualmente os Jogos Florais da linda praia, os quais, êste ano, terão lugar em Agosto próximo.

Podem concorrer poetas e prosadores, sendo enviado o regulamento a quem o solicitar à entidade organizadora.

Em poesia poder-se-á concorrer nos seguintes géneros: poesia histórica, lírica, soneto e quadra. Em prosa: conto, novela desportiva e narrativa-reportagem. São criadas 1.ª, 2.ª e 3.ª medalhas para as melhores produções, e Menções Honrosas para os trabalhos que mereçam essa classificação.

Tanto em poesia como na prosa, terão os autores de se ocupar da Figueira da Foz.

Correspondências

Oliveirinha, 17

Por notícias de Angra do Heroismo soube-se que morreu afogado quando tomava banho na Praia da Vitória, o soldado de Infantaria Alvaro Rodrigues Simões, natural, ali, da Granja.

Era filho de Manuel Figueira, o *Mestre*, e fazia parte do batalhão de Aveiro. Lamentável.

—Ontem faleceu com 86 anos Rosa Angélica Madail, sogra do sr. David da Cruz Manuelão, cujo funeral se efectuou com grande acompanhamento.

Teve ofícios na igreja matriz.

C.

Visitai o Parque da Cidade

Secção Desportiva

Basket-ball

Em Vila Nova de Gaia efectuou-se, domingo, o anunciado encontro entre o grupo da terra e o do nosso *Club dos Galitos*, que ali foi cumulado de atenções.

A partida decorreu num ambiente amigável e a arbitragem agradou plenamente.

Findo o jogo verificou-se que o *Vilanovense* ganhou aos nossos rapazes por 12-7.

Remo

Em camionete partiram esta manhã para a capital os remadores do *Club dos Galitos* que foram tomar parte nos Campeonatos Nacionais.

Acompanhou-os os dirigentes da Secção Náutica e alguns sócios do Club.

Natação

Na Piscina-Turismo efectuou-se anteontem à noite outro festival, promovido pela Associação Aveirense de Natação em que tomaram parte representantes do *Beira-Mar*, desta cidade, e da *Académica*, de Coimbra.

A maior parte dos resultados obtidos foram vantajosos para os aveirenses.

Houve entusiasmo.

A.

Necrologia

No próximo logar de Aradas acabou os seus dias, segunda-feira, a sr.ª D. Guilhermina Neto da Rocha Martins, viuva do professor jubilado sr. António da Rocha Martins, de saudosa memória.

Deixa o mundo aos 76 anos, rodeada dos carinhos que a idade requeria e que sua filha, a sr.ª D. Maria da Natividade da Rocha Martins, com quem vivia, nunca lhe regateou.

Possuidora de virtudes que a impunham ao respeito e à consideração de todos, é mais uma relíquia que desaparece daquela terra, que a viu partir para a longa jornada com justificado sentimento e não menos saudade. O seu enterro, foi, pois, uma verdadeira manifestação de pesar, incorporando-sé nele as crianças das escolas, impunhando ramos de flores, e numerosas pessoas da terra e circunvisinhanças, que formavam extenso cortejo.

A extinta deixa ainda outra filha, a sr.ª D. Pompília da Rocha Martins, que, como sua irmã, exerce na freguesia o magistério primário, e era avó da sr.ª D. Eneida Souto de Oliveira, esposa do sr. dr. Camilo Cimourdain Ferreira de Oliveira, residentes em Lisboa.

* * *

Em Anadia igualmente deixou de existir a semana passada a sr.ª D. Emilia da Graça Baptista, oficial principal dos correios e telégrafos, aposentada, e viuva do sr. José Baptista, que ali exerceu o cargo de amanuense da Administração do Concelho.

Dotada de predicados que distinguem a mulher e a nobilitam, impôs-se, também, pela delicadeza das suas maneiras e afabilidade de trato, sendo, por isso, muito sentida naquela região a morte da veneranda senhora.

Contava 75 anos e tinha um único filho, o nosso amigo sr. Manuel Luís da Graça Baptista, funcionário superior dos C. T. T. em Lisboa, que devia ter sofrido um rude golpe.

O Democrata acompanha as duas famílias no luto que as envolve.

Dr. Amadeu T. da Silva (Lebre)

Na sua casa de Verdemilho também se finou na madrugada de quinta-feira, após algumas semanas de sofrimento, o sr. dr. Amadeu Tavares da Silva, antigo Conservador do Registo Civil na vila de Ilhavo e que era casado com a sr.ª D. Maria de Oliveira Fernandes Tavares, de quem deixa dois filhos menores.

Irmão das sr.as D. Camila Lebre Canelas, esposa do sr. dr. Roberto Canelas; D. Regina Tavares de Almeida Lebre e D. Maria Tavares de Almeida Lebre, e dos srs. dr. Abilio Justiça, major veterinário dr. António Lebre, Carlos Tavares Lebre, Duarte Tavares Lebre e Basilio Tavares Lebre, família que no nosso concelho se distingue pela nobreza e aprumo moral de todos os seus membros, é com verdadeiro sentimento que noticiamos o triste desenlace ao qual não foi estranho a crueldade do Destino.

O dr. Amadeu Tavares da Silva não tinha mais de 62 anos e o seu funeral efectuou-se ontem para o cemitério do Outeirinho quando êste jornal ía a entrar na máquina, motitivo que nos leva a transferir para o próximo número a sua descrição. No entretanto recebam todos quantos hoje se encontram de rigoroso luto a expressão sincera do nosso pezar.

Cumprimentos

Recebemo-los por intermédio da seguinte carta:

Ex.mo Director do jornal O Democrata—*Aveiro.*

A Direcção do Sport Club Beira-Mar, *atentas as deferências que esta colectividade desde sempre tem recebido do jornal que V. Ex.ª dirige, ao assumir as suas funções, vem cumprimentar V. Ex.ª e exprimir-lhe o maior reconhecimento pelo apoio que lhe tem merecido todas as iniciativas desta associação.*

Esperando que V. Ex.ª se dignará dar-nos, de futuro, a mesma apreciável colaboração que sempre dispensou aos nossos antecessores, subscrevemo-nos com a mais subida consideração.

De V. etc.

Carlos Matos Souto

Os novos corpos gerentes daquele grémio, há pouco eleitos, ficaram assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Alberto Ruela; *vice-presidente*, dr. Armando Simões; *1.º secretário*, Manuel Moreira de Castro; 2.º, João Pinheiro.

CONSELHO FISCAL

Arnaldo Estrela dos Santos, João da Cruz Moreira e Elisiário Dias Moreira Junior.

DIRECÇÃO

Presidente, dr. António Cristo; *vice-presidente*, Eduardo Cerqueira; *tesoureiro*, Raul Ferreira de Andrade; *1.º secretário*, João Sarabando; *2.º*, Carlos Matos Souto; *vogais*, Julio Sobreiro, Virgilio Veiga, Francisco Gonzalez e Adolfo Vidal.

DOENÇAS DOS OLHOS

As consultas que aos sábados vêm dar ao nosso Hospital os srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, vão ser suspensas durante as férias grandes, o que se leva ao conhecimento dos interessados.

A última é no dia 26 do corrente, devendo, depois, recomeçarem, em 25 de Outubro.

Comarca de Aveiro

—x—

Separação Judicial

Para os devidos efeitos se anuncia que, por sentença de 28 de Junho do corrente ano que transitou em julgado, foi decretada definitivamente a separação de pessoas e bens entre os conjuges Manuel José da Cruz e Amelia Augusta Dias Cruz, proprietários, de Aveiro.

Aveiro, 15 de Julho de 1941.

O chefe da secretaria

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrelo Botelheiro

Comarca de Aveiro

—c—

ANUNCIO

Pelo presente se anuncia que, por sentença de 16 de Maio corrente, que transitou em julgado, foi decretada a simples separação judicial de bens entre os conjuges Rosa de Jesus Patoilo, doméstica, da Presa d'Ilhavo, e Fernando António Santana, residente na América.

Aveiro, 29 de Maio de 1941.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

A. Fontes

O Escrivão,

João António de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

Editos de 15 dias

1.ª publicação

Por êste Juizo — 1.ª Secção-Cristo — e nos autos de insolvência civel, nos termos do artigo 1.401 do Codigo do Processo Civil contra o casal inventariado de Maria Constantina, que foi casada, moradora em Ouca, freguesia de Soza, correm éditos de 15 dias, a contar da primeira publicação dêste anúncio, para dentro dêsse praso os credores do casal inventariado reclamarem a verificação dos seus créditos e quaisquer pessoas os seus direitos no referido processo de insolvência, devendo juntarem com as reclamações os competentes documentos e oferecerem a prova que entenderem necessária.

Na referida insolvência foi nomeado administrador Armando Madail Ferreira, casado, comerciante, de Aveiro e depositário judicial dos bens que forem apreendidos e pertencentes ao casal inventariado, sendo declarada a insolvência por sentença de 11 do corrente mês de Julho.

Aveiro, 11 de Julho de 1941.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

José Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção,

Julio Homem de Carvalho Cristo